

morte, à continuidade” (p. 24). Da mesma forma, a partir da leitura de *O que é erotismo* (2004) de Lucia Castello Branco, pode-se afirmar que a linguagem erótico-artística hilstiana

se realiza em função de um mesmo impulso para totalidade do ser, para sua permanência além de um instante fugaz e para sua união com o universo. A comunicação que se estabelece entre a obra de arte e o leitor/espectador é nitidamente erótica (BRANCO, 2004, p. 12).

A Literatura, como expressou Hilda, “não é distração, entretenimento. É uma coisa séria, que você vai adquirindo. É difícilíssimo” (DAS SOMBRAS, 1999, p. 40). Em sua obra, percebemos o uso da tradição lírica formal como a ode, a trova, o soneto, a balada e a elegia. Por ora, trilharemos pela lírica erótico-amorosa de Hilda, num universo dialético, onde a poesia reina e onde significados e significantes são (re) inventados e (re) escritos pelo leitor a cada (re) leitura.

Capítulo I: A peregrinação de Psiquê – o caminho para Eros

Muitas são as formas de se entender as relações eróticas, as relações meramente sexuais e as relações amorosas. Para ilustrar tais relações, os pontos de confluência e os de divergência, fixar-nos-emos no poema II do livro *Amavisse* (2004)¹ de Hilda Hilst.

Como se te perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
Inamovível, e te respiro inteiro

Um arco-íris de ar em águas profundas.

Como se tudo o mais me permitisses,
A mim me fotografo nuns portões de ferro
Ocres, altos, e eu mesma diluída e mínima
No dissoluto de toda despedida.

Como se te perdesse nos trens, nas estações
Ou contornando um círculo de águas
Removente ave, assim te somo a mim:
De redes e de anseios inundada. (p. 43).

O título *Amavisse*, em latim, no nominal do perfeito, pode ser traduzido por *ter amado*. O verbo *ter* apresenta o sentido de *possuir algo* – um objeto, o ser amado. Porém, segundo Bataille, numa relação erótico-amorosa, o objeto *eu* funde-se ao objeto

¹ A análise é do livro *Amavisse* que está contido numa reunião de sete livros da Hilda Hilst intitulada *Do Desejo* (2004) (*Do Desejo* – homônimo do título desse conjunto, *Da noite*, *Amavisse*, *Via espessa*, *Via vazia*, *Alcoólicas* e *Sobre a tua grande face*).

outro. Neste momento, ambos abandonam suas condições de objeto para se transformarem numa unidade, num sujeito. Logo, nenhum amante pode ocupar o lugar de objeto de desejo, pois, no ápice da relação erótica, o casal adquire a sensação de continuidade do ser. De acordo com Lucia Castello, a continuidade passageira representa Eros e sua natureza fugidia: “Como capturar o que é simultaneamente vida e morte, o que é carência e excesso, arrebatamento e abandono? (...) Eros é o desejo. E como tal conserva-se paradoxal e incapturável” (BRANCO, 2004, p. 70).

Todo ser humano vive na relação erótica o sentimento de angústia e de tensão entre a continuidade e a descontinuidade e entre a transgressão e a interdição: “Nas suas vicissitudes, o erotismo aparta-se aparentemente da sua essência que liga à nostalgia da continuidade perdida” (BATAILLE, 1980, p. 130). Esta continuidade perdida com o corte do cordão umbilical só é novamente alcançada com a morte, seja ela entendida conotativa ou denotativamente. A *pequena morte*, tradução literal do francês *petite mort*, que significa *gozo erótico* e que é o ápice da relação erótica, proporciona-nos a sensação efêmera de continuidade. O humano atinge a continuidade permanente somente na morte propriamente dita.

Na base, há a passagem do contínuo para o descontínuo e do descontínuo para o contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que isoladamente morrem numa aventura ininteligível, mas que tem a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos amarra à individualidade que somos. E, ao mesmo tempo, que conhecemos o angustioso desejo de duração dessa precariedade, temos a obsessão dum continuidade primacial que ao ser geralmente nos une (BATAILLE, 1980, p.16).

Desta forma, o erotismo diferencia todo ser humano dos outros animais, elevando aquele à vivência do autoconhecimento, ao conhecimento do outro (do/a parceiro/a), ao questionamento do ser pela experiência psicológica.

O erotismo do homem difere da sexualidade animal, exatamente porque envolve e implica a vida interior. ‘O erotismo é, na consciência do homem, o que o leva a pôr o seu ser em questão’. A sexualidade animal também introduz um desequilíbrio, esse desequilíbrio também lhe ameaça a vida: mas o animal não o percebe. Nada nele se abre, que se assemelhe a um pôr em questão (BATAILLE, 1980, p. 27).

Nesta via, junto a Bataille, Octavio Paz, em seu livro *A chama dupla* (1995), caminha: “Antes de mais, o erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e a vontade dos homens” (p. 13).

No poema de *Amavisse*, uma possível leitura é a de que a voz, o *eu-lírico*, do poema que nos fala seja de Psiquê. O conto sobre Eros e Psiquê foi escrito na

antiguidade greco-romana por Apuleio, no livro *Metamorfoses*, com o título de “O asno de ouro”. Este é uma historinha da bela princesa chamada Psiquê que, por conta da sua beleza, despertou a inveja e a ira na deusa da beleza e do amor, Vênus. Esta, então, ordenou a seu filho Eros, deus do amor, que flechasse a jovem princesa para que ela se apaixonasse pelo homem mais feio e vil da terra. Porém, quando Eros se deparou com Psiquê, ficou admirado com tamanha beleza e se espetou na própria flecha, apaixonando-se perdidamente por ela.

Neste ínterim, o Rei, pai de Psiquê, recebeu a orientação dos oráculos de que sua filha iria se casar com um monstro. A princesa teve de viver em um castelo bem escondido a fim de burlar o destino sombrio. Eros, então, aproveitou da situação e, toda noite, disfarçado, passou a visitá-la para se amarem. Porém, ele pediu a Psiquê para que nunca olhasse seu rosto e nem quisesse saber seu nome, pois só assim a relação se tornaria eterna, sem a interferência de Vênus.

As irmãs de Psiquê, por inveja, aconselharam-na a ver o rosto de seu amado, visto que ele poderia ser o monstro disfarçado. Numa noite, Psiquê se apropriou de uma lamparina para ver o rosto de Eros e, ao vê-lo, apaixonou-se perdidamente por sua beleza e por sua juventude. Ela descobriu, então, que seu amado era o próprio deus do amor. Ao ser despertado por uma gota de óleo quente que caiu da lamparina em seu rosto, Eros sentiu-se traído, perdeu a confiança em Psiquê e, por isso, fugiu.

Desesperada, Psiquê foi ao encontro de Vênus e, sem saber de sua inveja, pediu seu apoio. Após torturá-la de várias maneiras, Vênus lhe propôs quatro tarefas para que Eros voltasse para ela. A primeira era separar uma montanha de sementes em um único dia. A segunda era apanhar a lã dourada dos carneiros do deus Sol. A terceira era pegar água de uma fonte guardada por dragões. E a quarta e última prova consistia em: descer ao mundo dos mortos, pegar um pouco da beleza do reino da morte, a beleza de Perséfone, e entregá-la a Vênus². Com a ajuda de deuses compadecidos e suas forças sobrenaturais, a bela princesa cumpriu todas as tarefas.

Entretanto, ao obter a caixa com a beleza do reino da morte, Psiquê, novamente imprudente e curiosa, abriu a caixinha e caiu num sono mortal. Neste ínterim, Eros se recuperou de sua ferida no rosto e foi à procura de sua amada, encontrando-a adormecida. Com a ajuda de Júpiter e a não-interferência mais de Vênus, Eros acertou

² Vênus queria a beleza do reino dos mortos, visto que já possuía a beleza do Olimpo.

uma flecha em Psiquê, que acordou e se tornou imortal. Por fim, se casaram e tiveram uma filha, a Volúpia.

Ao adentrarmos, então, o poema hilstiano pela voz de Psiquê, percebemos a forte influência de seu mito com Eros. E, assim, o poema se inicia:

Como se te perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
Inamovível, e te respiro inteiro

Um arco-íris de ar em águas profundas.

Nestes versos, percebemos que, como condição para a realização do amor entre Eros e Psiquê, tem-se: o rosto de Eros não ser visto por Psiquê. Logo, Psiquê possui Eros, “Como se não te visse (...) assim te apreendo”, visto que o excesso de luz atrapalha a visão de Psiquê, “(favas douradas sob um amarelo)”:

Para a tradição filosófica Eros é uma divindade que põe em comunicação a escuridão com a luz, a matéria com o espírito, o sexo com a idéia, o aqui com o além. (...) Eros é solar e nocturno: todos o sentem mas poucos o vêem. Foi uma presença invisível para a sua enamorada Psique pela mesma razão que o sol é invisível em pleno dia: por excesso de luz (PAZ, 1995, p. 21).

Em “assim te apreendo brusco/Inamovível, e te respiro inteiro/Um arco-íris de ar em águas profundas”, há o ápice da relação erótico-amorosa, cuja busca humana da continuidade está em detrimento ao abismo da descontinuidade entre o eu e o outro – solidão/carência do outro, consciência humana de sua finitude. Eis o erotismo no poema, a busca da continuidade no outro por meio das imagens de apreensão e violência (“te apreendo brusco”, “inamovível”), o excesso incontrolável da pleora sexual, que toda relação erótica tem que passar, como nos ensina Bataille. Depois de transgredir e atingir o prazer erótico, como é demonstrado no poema por “te respiro inteiro”, chega-se ao ápice erótico, à sensação de continuidade no outro e de leveza corpóreo-espiritual na imagem estabelecida por “um arco-íris de ar em águas profundas”.

Octavio Paz (1995), ao afirmar que o erotismo e o amor são a chama dupla da vida, relaciona os sentidos e a imaginação com a poesia, o sonho, o amor e o erotismo: “Poesia e erotismo nascem dos sentidos mas não terminam neles. Ao desdobrar-se, inventam configurações imaginárias: poemas e cerimónias” (PAZ, 1995, p. 11). Com o auxílio do verso “um arco-íris de ar em águas profundas”, é permitido dizer que “a relação entre erotismo e poesia é tal que (...) o primeiro é uma poética corporal e que a

segunda é uma erótica verbal” (PAZ, 1995, p. 9). Paz nos ensina ainda que o desejo e a fantasia estão ligados tanto ao erotismo como à poesia. E, assim, o poema de Hilst parece mais claro, ao ilustrar que: “O poema não aspira já a dizer mas a ser. A poesia põe entre parênteses a comunicação como o erotismo, a reprodução” (PAZ, 1995, p. 10-11). Roland Barthes se comunica com Paz e com a poesia de Hilst ao tecer que “a palavra pode ser erótica sob duas condições opostas, ambas excessivas: se for repetida a todo transe, ou ao contrário se for inesperada, succulenta por sua novidade” (BARTHES, 2008, p. 51).

Ainda nesta parte do poema, tem-se a utilização de três elementos da natureza: fogo, implicitamente representado pela expressão “(favas douradas sob um sol amarelo)”; ar e água, explicitamente representados no verso “um arco-íris de ar em águas profundas”. O fogo, excesso de luz, simboliza a chama, a paixão pelo outro e pelo poema: “O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama rubra do erotismo e esta, por sua vez, sustém e ergue outra chama, azul trémula: a do amor. Erotismo e amor: a chama dupla da vida” (PAZ, 1995, p. 8). O ar representa a leveza da liberdade imaginativa tanto na construção do poema, quanto na relação erótica que este representa. E, por último, a água simboliza a renovação das águas de um rio e, metaforicamente, a renovação do ser a cada gozo erótico.

Voltemos à fala de Psiquê, como nos é indicado pelo pronome oblíquo de primeira pessoa *me*, no poema:

Como se tudo o mais me permitisses,
A mim me fotografo nuns portões de ferro
O cres, altos, e eu mesma diluída e mínima
No dissoluto de toda despedida.

A partir do verso “Como se tudo o mais me permitisses”, pode-se dizer que Eros permite “tudo o mais” a Psiquê, menos que ela veja o seu rosto. Também se pode perceber a consciência ou a reflexão de Psiquê acerca da condição que lhe foi imposta e o prenúncio do que acontecerá mais adiante, ou seja, a perda de Eros: “A mim me fotografo nuns portões de ferro/O cres, altos, e eu mesma diluída e mínima/No dissoluto de toda despedida”. Há, portanto, a previsão feita por Psiquê de seu eu sem o outro, Eros, sem a continuidade de seu ser e, por isso, “diluída e mínima”.

O último quarteto do poema ilustra tanto a separação, como o reencontro entre o casal mitológico, a realização erótico-amorosa entre eles, após tantos percalços sofridos por Psiquê nas mãos de Vênus:

Como se te perdesse nos trens, nas estações
Ou contornando um círculo de águas
Removente ave, assim te somo a mim:
De redes e de anseios inundada.

O primeiro verso deste quarteto, “Como se te perdesse nos trens, nas estações”, transmite-nos a idéia de separação entre Psiquê e Eros “nos trens, nas estações”, lugares de viagem, de transição de um lugar para outro. Podemos articular o conceito de viagem ao sobrenatural, ao mundo dos deuses. Psiquê é uma mortal, a personificação da alma em peregrinação, à procura do reencontro com Eros. Ela só consegue alcançar novamente a continuidade, a unidade com Eros (“assim te somo a mim”) ao passar pelas quatro provas impostas por Vênus, as quais estão representadas no poema pelo verso “Ou contornado um círculo de águas”. A imagem do “círculo de águas” pode ser lida como representação de Vênus, que nasceu da espuma marítima e simboliza o erotismo, a beleza e o amor. Logo, Psiquê teve que contornar, passar pelas provas que Vênus, ou melhor, o “círculo de águas”, impôs-lhe:

Os espelhos e o seu duplo, as fontes, aparecem na história da poesia erótica como emblemas de queda e ressurreição. Como a mulher que nelas se contempla, as fontes são água de perdição e água de vida; ver-se nessas águas, cair nelas e vir à superfície flutuar, é voltar a nascer (PAZ, 1995, p. 24).

Porém, mesmo com a ajuda dos deuses, Psiquê não completou a última prova, pois abriu a caixinha da beleza do reino da morte e entrou em sono profundo, só saindo deste com a ajuda de Júpiter e de Eros. Esta passagem do mito é retomada no poema através dos versos “Ou contornando um círculo de águas/Removente ave, assim te somo a mim”. A expressão “removente ave” relembra-nos a Fênix que ressurge das cinzas e, segundo o mito, é o mais belo de todos os animais, além de ser símbolo da esperança e da continuidade da vida após a morte. Assim sendo, há um diálogo possível entre Psiquê e Fênix no poema: as duas representam a beleza e a continuidade da vida após a morte. Psiquê é a personificação da alma, a permanência (continuidade) pós-morte. Fênix também é sinônimo de esperança, além de ser adoradora do Sol, que nasce e morre diariamente – renascimento da natureza. Há mais uma correlação entre as figuras de Fênix e de Psiquê, como pode ser comprovado pelo fato desta nunca ter perdido a esperança em reencontrar Eros, em renascer em Eros:

A crença na metamorfose baseou-se, na Antigüidade, na contínua comunicação entre os três mundos: o sobrenatural, o humano e o da natureza. (...) O amor pode ser agora, como foi no passado, uma via de reconciliação com a natureza. Não podemos transformar-nos em fontes ou azinheiras, em

pássaros ou em touros, mas podemos reconhecer-nos neles (PAZ, 1995, p. 156).

Há o desfecho do poema com o ressurgir de Psiquê na figura da ave Fênix, que a leva ao encontro com Eros, ao erotismo, ilustração demonstrada na seguinte passagem: “assim te somo a mim:/De redes e de anseios inundada”. Tal passagem se apropria de imagens relacionadas à união, ao entrelaçamento como “te somo a mim” e “redes”, as quais são construídas pelos “anseios” (desejos e angústias) que circundam a relação erótica (“inundada”).

Por fim, não existe fórmula para sobreviver à morte literal, por isso, Hilda Hilst, como todo/a escritor/a, quer sobreviver pela literatura, pela obra de arte. Ela, então, teve “a necessidade de verbalizar o erotismo, de escrever a linguagem do desejo, de decifrar o ‘enigma do amor’, uma tentativa, talvez de negar a morte em que irremediavelmente nos lançamos ao trilhar os caminhos de Eros” (BRANCO, 2004, p. 8).

Conclusão

Destarte, a voz feminina, o *eu-lírico*, no poema II de *Amavisse*, de Hilda Hilst, pode ser representada por Psiquê, ela mesma, ou através da máscara de Fênix, como foi exposto neste trabalho. O mito de Eros e Psiquê está, segundo Pierre Grimal, “directamente inspirado pelo *Fedro*, de Platão: a alma individual (Psique), imagem fiel da alma universal (Vénus), eleva-se progressivamente, graças ao amor (Eros), da condição mortal à imortalidade divina” (GRIMAL *apud* PAZ, 1995, p. 23). O poema nos passa, então, a mensagem de que, como Psiquê, temos, via esperança, que encontrar a nossa metade, a fusão do eu com o outro, para que saíamos sempre renovados e vivificados de uma relação erótica e obtenhamos a continuidade mesmo que fugidia, segundo Bataille. E, como “somos seres incompletos e o desejo amoroso é perpétua sede de completude. Sem o outro ou a outra não serei eu mesmo” (PAZ, 1995, p.41), sigamos também os ensinamentos de Octavio Paz.

Referências

APULEIO, Lúcio. O asno de ouro. In: *Metamorfoses*. Trad. Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

DAS sombras. *Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, out. 1999.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

BRANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. *Poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst*. Disponível em: www.hildahilst.com.br. Acesso em: 5 out. 2008.

HILST, Hilda. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2004.

PAZ, Octavio. *A chamada dupla*. Tradução de José Bento. Lisboa: Assírio e Alvim, 1995.